

OUTRA FACE DO FEMINISMO: Maria Lacerda de Moura.

Mirian Lifchitz Moreira Leite.

São Paulo, Editora Ática, 1984. 171 p.

Maria Lacerda, nascida em 1887, estava com 41 anos e se instalava numa das chácaras da comunidade agrícola anti-fascista de Guararema, perto de São Paulo. Leitora de Rousseau, que a fizera "vibrar de entusiasmo e chorar de emoção", ela traça um esboço de autobiografia (p. 144-149) em que se confessa com a sinceridade corajosa dos grandes escritores quando se expõem com um despudor que não é exibicionismo, mas oferenda. Conta-nos do horror que, em pequena, lhe inspirara a vida escolar, microcosmo onde se reproduziam as relações de domínio da sociedade mais ampla. Fala-nos do despertar sexual, perturbado por toda uma carga repressiva de sentimento de culpa. A menina bem dotada, sensível e vibrátil, era empurrada para o esgotamento nervoso. Tinha necessidade de expansão, mas "a vida sedentária de estudos livrescos, desde a mais tenra idade", o meio hostil e traiçoeiro com o qual se debatia, levavam-na a fechar-se em absoluto isolamento. "Cultivavam a minha timidez!" Cultivavam e, ao mesmo tempo, ridicularizavam. Assim se passou em Barbacena, Minas, sua infância de filha de uma família de pequena classe média, "boa" mas pobre.

Continuemos a acompanhar a trajetória de Maria, independentemente do texto autobiográfico, ao qual contudo recorreremos, quando necessário.

Ferida, porém não derrotada, Maria se forma aos 16 anos na Escola Normal Municipal de Barbacena. Em seguida (1905) quando não completara ainda 18 anos, casa-se com um pequeno funcionário, passando, pelo acréscimo do sobrenome do marido, a assinar-se Maria Lacerda de Moura. Podemos imaginar como esse casamento deve ter sido importante para ela na ocasião, não apenas pela realização de sua feminilidade, como também em termos de afirmação social: tinha um marido e, por esse lado, o atraso linguarudo da província não encontraria motivos para zombaria ou bisbilhotice.

De fato, a condição de mulher casada lhe infunde uma nova segurança. Três anos depois já é professora na Escola Normal em que se formara e onde lecionaria Pedagogia e Higiene. "Meio estreitíssimo. Disciplina de rebanho", comenta na autobiografia. Em 1912, aos 25 anos, descobre-se escritora e começa a mandar crônicas para o jornal local. Simultaneamente, da mesma forma que sete anos antes procedera com respeito à feminilidade, decide realizar seu lado maternal; não tendo filhos, adota duas crianças pequenas — um sobrinho e uma menina órfã.

Por essa época, já esboçava também apontamentos de Pedagogia para as alunas. E por fim, em 1918, publica *Em torno da educação*, que a crítica recebeu muito bem. Na autobiografia ela renega severamente esse escrito, tachando-o de burguês e convencional; a seu ver, teria sido festejado justamente por esse motivo. . . Mas o livro não

podia ser tão ruim assim, pois foi através dele que José Oiticica percebeu nela o potencial de uma "futura rebelde", passando a abastecê-la de literatura revolucionária. E, de qualquer forma, na obra já se afirmava a postura feminista de Maria. "Sinto-me constrangida quando me falam de uma queda de mulher", lê-se. E explicitava que as mulheres não eram como os homens, independentes entre si. Percebia-nos pois como uma "minoría" discriminada, em que a referência a uma atingia ao grupo como um todo.

Com luta e esforço, a timidez inculcada fora vencida e Maria se tornara não apenas jornalista e escritora respeitada, mas também conferencista de voz extremamente agradável e exposição clara como os conceitos que emitia. Preocupava-se com a condição da mulher, a emancipação dos oprimidos, com o papel que podia e devia caber a uma educação diversa da vigente (até hoje), alienadora e massacrante. *Por que vence o porvir?* é o título de uma conferência pronunciada em 1919 para a Liga dos Homens do Trabalho, em Barbacena. Em 1920 discorre, para a Federação Operária Mineira, em Juiz de Fora, sobre *A mulher brasileira e o problema trabalhista*.

Em 1921, Maria deixa Barbacena, mudando-se para São Paulo. Em 1922, e-la falando dentro do Festival dos Trabalhadores Gráficos. Em agosto de 1923, a convite do Centro Internacional de Santos, faz uma palestra intitulada *A mulher hodierna e o seu papel na sociedade atual e na formação da sociedade futura*. Repete-a em São Paulo, sob os auspícios da União dos Trabalhadores Gráficos. Ah! esses esplêndidos operários e operárias que povoam o meu *Os Companheiros de São Paulo* e com os quais "convivi" durante vários anos, inclusive compulsando minuciosamente o Arquivo Edgard Leuenroth antes da Unicamp adquiri-lo através do meu amigo Azis Simão. . .

No mesmo mês de agosto de 1923, agora a convite da União dos Artífices em Calçados, Maria profere a célebre conferência intitulada *Os conformados e os rebeldes*, de chamamento à luta revolucionária. A identificação da prestigiosa intelectual D. Maria Lacerda de Moura com a causa operária está fora de qualquer dúvida. A *Plebe*, anarquista, tece os maiores elogios a essa oradora cuja simples presença já provocava entusiasmo e que pronunciava frases como *Paz entre nós, guerra aos exploradores do homem*. Mas Maria, sempre independente, alertava também contra as discussões estéreis e divisionistas, capazes de enfraquecer o movimento revolucionário perante a reação. E tomava como exemplo de sectarismo, justamente a crítica renhida à Rússia bolchevista, apesar de não poder ignorar que o pessoal da *Plebe* discordaria dela nesse ponto (embora com todo o respeito) como de fato ocorreu. Mas Maria Lacerda era assim mesmo.

Da mesma forma que o *Em torno da educação* chamou sobre ela a atenção de José Oiticica, a publicação de *Religião do amor e da beleza*, em 1926, a põe em contato com André Néblind, que se tornaria seu amigo dileto e, de certa forma, mentor. Por essa mesma época ela entra também em contato com a obra de Han Ryner (Henri Ner).

Maria se sente desabrochar como mulher. Em 1927 até se cura do estrabismo, que a incomodava principal-

mente por causa da atitude constrangida que percebia nos outros. E em 1928 transfere-se para a já citada comunidade de Guararema, liderada por Néblind. 1929 é um ano especialmente ativo. Em agosto, Maria Lacerda que vibrara com a epopéia da Coluna entrevista Luís Carlos Prestes, exilado, para *O Combate*, do qual se tornara colaboradora. Em autógrafo, Prestes declara que os revolucionários brasileiros desejavam poder contar com a inteligência e a coragem dela.

O período de 1928 a 1935 é de intensa militância contra o imperialismo e o fascismo em todos os seus aspectos, inclusive o anti-semitismo. Pronuncia inúmeras conferências em São Paulo (capital e interior) Rio, Buenos Aires. Às vezes a sala lhe era negada, mas os organizadores não desistiam e o próprio obstáculo interposto aumentava o êxito do evento, transferido para outro local.

Durante essa época aprofunda seu exame da condição da mulher. Tendo sempre acompanhado a literatura de vanguarda sobre a questão, já em 1922 escrevera, num texto para uma publicação do Rio Grande do Sul: "Seu cérebro foi conservado infantil pelo egoísmo masculino dos ancestrais". E num escrito de 1924 mencionava "o medo, a resignação passiva, a subserviência de escrava" como armas ignóbeis do escudo da mulher.

Em *Religião do amor e da beleza*, publicado em 1926, denunciara os obstáculos que a mulher encontra para se assumir como individualidade, sendo um deles o da cilada da maternidade hipocritamente "cantada em prosa e verso". E percebia como a própria emancipação feminina tendia a ser utilizada pelos homens em benefício exclusivo deles, identificada com permissividade, numa atitude carregada de preconceito e repressão. Exemplificava com o assédio masculino desenvolto às escritoras de então. Mas mesmo nos dias de hoje, de pretensa liberação num contexto de desrepressão repressiva, basta observar a irritação ressentida do parceiro se a jovem tiver esquecido de tomar a pílula, para se entender o enfoque de Maria sobre a ótica distorcida através da qual o homem vulgar percebe a emancipação sexual da mulher em benefício apenas dele.

Ao travar conhecimento com a obra de Han Ryner, Maria Lacerda se impressiona sobretudo com a idéia do amor plural, que lhe permite perceber a discriminação implícita na pobreza do amor único e exclusivo que é exigido das mulheres, enquanto a liberdade do seu companheiro sexual é festejada, em reconhecimento à sua "superioridade". Em *Amai e... não vos multipliqueis*, publicado em 1932, recusa o amor possessivo pelo qual cada um tenta modelar ou desrespeitar a individualidade do outro; e à noção sufocante da felicidade a dois, contrapõe a de instantes de harmonia a dois, "suficiente para alcançarmos o paraíso". Em *Han Ryner e o amor plural* (1933) refere-se horrorizada ao tipo de união, tão comum, mais parecido com um cativo, em que um homem age perversamente como senhor absoluto, lastreado no "desfibramento comodista, no servilismo da sua companheira", medíocre ou mediorizada. No mesmo trabalho, Maria, que já tratara da pavorosa complementaridade entre família e prostituição, apresentava nova denúncia. Focalizava agora a correspondência entre outros dois massacres: o da prostituta,

degradantemente destinada à sensualidade indiscriminada, enquanto outro número imenso de mulheres, as solteironas, se estiolava. E, acrescentemos, debaixo da chacota perversa da própria sociedade que as reduzira a essa condição — as "encalhadas", que ficaram na prateleira, no caritó, etc.

Ao conversar com Albertina Oliveira Costa sobre minha disposição de escrever esta resenha que já se alonga em artigo, mencionei que essa passagem da análise de Maria Lacerda me trazia à lembrança um dos mosaicos do monumental Policarpo Quaresma, de Lima Barreto. Refiro-me à figura da pequena Ismênia, proposital contrafação da doce Ofélia. A Ofélia de Shakespeare se suicida, vítima da declaração de desamor do ambíguo Hamlet que, no entanto, a amava. Já Ismênia, tornada insignificante como a média das moças pequeno-burguesas de sua época, acomodada a um modelo contra o qual se insurgia a perspectiva feminista de Lima Barreto e Maria Lacerda, nem sabia dizer se amava o noivo e na verdade sequer despertara sensualmente. Mas quando o rapaz, tão insignificante ele também, a abandona, ela, depois de um inútil e sofrida espera, definha e morre vestida de noiva, como se estivesse morrendo de um amor que não sentia e até mesmo desconhecia. Afora o sentimento de rejeição, a provável zombaria sobre a potencial condição de solteirona, depois de ter vislumbrado a realização (o casamento) constituía algo absolutamente intolerável.

Na autobiografia esboçada, Maria Lacerda discute abertamente sua relação com o marido, o pequeno funcionário com o qual se casara muito jovem.

O texto é do final de 1928. Era à época em que começava a florescer em Guararema, alta e vistosa, "em contacto com os livros e a natureza", escrevendo debaixo da janela, indo buscar a correspondência na Estação, à qual chegavam também os pacotes contendo os folhetos antifascistas de sua autoria.

O marido não tinha mais condições para acompanhá-la em sua trajetória, a ela para quem o amor presunha "afinidade mental, espiritual, sentimental, afetiva e sexual". É possível até que desde o início eles não formassem um par adequado, mas agora o descompasso se tornara mais que evidente. Com franqueza, ela o define: "Nobre confidente, mas não aparece na minha vida intelectual". Por certo as afinidades com André Néblind seriam muito maiores. De qualquer maneira a situação conjugal não lhe parecia justa *para ele*. Da mesma forma que jamais se sujeitaria a ser uma mera "esposa", achava que ele merecia o direito de deixar de ser apenas o "marido" dela, para ser considerado por si mesmo, como homem e ser livre. Uma vez que haviam se casado, cumpria que se divorciassem — "porque somos amigos e porque um sabe respeitar a dignidade humana do outro". Em seguida, com distanciamento analítico, percebe todo o absurdo da função de "cabeça do casal" que se atribui ao "marido"; e não apenas pelo fato de no seu caso particular ser ela a mais dotada, pois jamais aceitaria, em hipótese alguma, a designação de "cabeça" para si própria. Tudo com limpeza, sem traumas nem agressões. O marido (certamente um homem bom e que devia amá-la muito) continuou a visitá-la de tempos em tempos em Guararema; ela lhe

dedicou livros, e as iniciais dela, dele e de Néblind se entremeciam num relógio de sol.

Já a maternidade convencional que buscou através da adoção (ela que pelos seus ensinamentos era mãe de todas as crianças) lhe deixou feridas. O sobrinho que tomara em pequeno, entregando-o à companhia da mãe carnal já criado, "com oito preparatórios", seguiu justamente a direção política mais contrária aos valores dela conforme relata em fevereiro de 1935. E Maria, que desconhece o egoísmo familiar, não protege nem justifica quem se passou para o lado do inimigo, tornando-se um deles. Mas evidentemente sofre.

A repressão do pós-35 atinge os militantes de Guararema. Em 1937, após uma breve passagem por Barbacena, Maria Lacerda instala-se no Rio.

Em julho de 1944 pronuncia uma conferência intitulada *O silêncio*.

Já em *Lições de Pedagogia*, publicado em 1925, observara como as crianças não brincavam mais, assoberbadas por mil cursos ministrados superficialmente, e como o tempo, ao invés de ser destinado a um lazer saudável, era preenchido por uma roda-viva de frivolidades. As meninas eram induzidas pelo sistema escolar ao servilismo, sujeição e resignação passiva. E que dizer da criança operária, explorada pelos pais e pela fábrica, sem direito à infância? Como se indignaria com a atual multidão de menores abandonados!

Na conferência de 1944, Maria Lacerda se refere à lição do silêncio de Maria Montessori, a mestre que ela tanto admirava. Ao invés de entregar comodistamente as crianças às gritarias e hábitos ruidosos e brutais, a Montessori, com sua extraordinária inteligência e intuição, fazia com que seus pequeninos desabrochassem. E Maria Lacerda dá seu depoimento dolorido de pedagoga e humanista sensível, contando o que vê e ouve de sua casa pequena num bairro de pequena burguesia modesta. Fala dos gritos dos meninos vadios, dos nomes feios, das mães batendo nos filhos, encolerizadas como feras. Descreve a engrenagem terrível de mulheres apanhando de maridos "trogloditas" e vingando-se nos filhos pequeninos. Tudo por fazer, a sociedade por reformar.

Maria Lacerda de Moura morreu em 1945, antes do fim da guerra.

Logo veio a redemocratização. Mas passado um breve interregno instalou-se o clima da guerra fria, recebendo como resposta a retomada de uma ativa militância antifascista e antiimperialista, agora tendo como fulcro a questão nacional. É nesse contexto que avulta

em importância uma outra grande mulher, Alice Tibiriçá.

Alice, nascida em 1886 (um ano antes de Maria) vivera em Ouro Preto uma infância livre e repleta de travessuras. Perdendo os pais aos 13 anos apenas, passou a morar em São Paulo na companhia de tias amorosas, até o casamento com João Tibiriçá Neto.

Parafrazeando o poeta, podia dizer que sentia em si o borbulhar da organização. A partir de meados dos anos 20 até o final de sua fecunda vida (faleceu em 1950) inspira e estrutura importantes campanhas médico-sociais. Em 1949, criada a Federação de Mulheres do Brasil, é por unanimidade eleita presidente. As companheiras sempre lhe exigiam que dirigisse as entidades de que participava, mesmo que isso a sobrecarregasse. Não podiam prescindir daquela fortaleza que infundia segurança, do seu bom-senso e objetividade, da sua presença de espírito em driblar a repressão que rondava os grupos das militantes. Era madura e inocente, sem lançar-se a grandes mergulhos na subjetividade, toda a energia canalizada para as lutas. Sua biógrafa, a Dra. Maria Augusta Tibiriçá Miranda, dá um exemplo do equilíbrio que a caracterizava e do qual, como filha, teve o privilégio de beneficiar-se em sua própria educação. Quando alguém se atrasa, explicava Alice à família, isso não significa necessariamente que algo de mau tenha ocorrido; a pessoa podia ter ficado presa no trânsito ou, quem sabe, ter tido o prazer de encontrar um amigo. . . Alice alto-astral. Alice Tibiriçá que, ao lançar-se na luta nacional em defesa do petróleo e das riquezas naturais, tem a extraordinária grandeza de dizer em público, referindo-se às campanhas que a haviam tornado conhecida e respeitada em todo o país: "Sinto que perdi mais de 20 anos em lutas parciais. Enquanto o nosso país não se emancipar economicamente, não poderá solucionar seus problemas médico-sociais."

Maria Lacerda de Moura, Alice Tibiriçá. Individualidades e temperamentos diversos, talvez enfoques e discursos diferentes também. Mas ambas cheias de flama, lutando ombro a ombro com os homens, fazendo a mulher crescer e trazendo-a para a luta social.

E agora, uma palavrinha a Miriam Lifchitz, que não era ainda Moreira Leite ao tempo em que nos conhecemos, ambas praticamente na adolescência mas já impedidas por aspirações sociais. Há uns três anos eu a ouvi comentar seu projeto num pequeno grupo. Percebi imediatamente que ia resultar um trabalho muito rico e bonito. Acerteil

Paula Beiguelman